



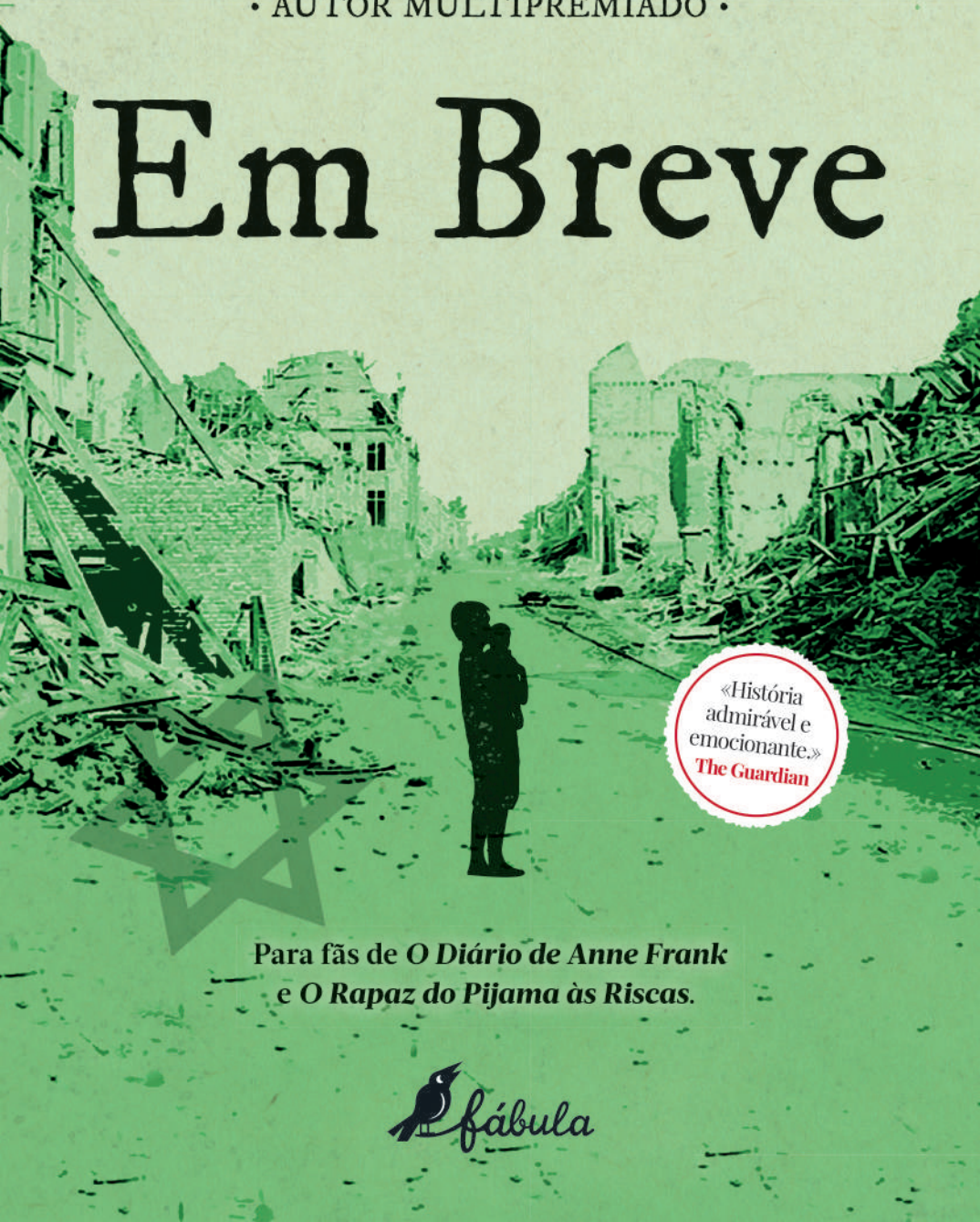
COLEÇÃO ESTRELAS DA LITERATURA JUVENIL



MORRIS GLEITZMAN

• AUTOR MULTIPREMIADO •

# Em Breve



«História  
admirável e  
emocionante.»  
**The Guardian**

Para fãs de *O Diário de Anne Frank*  
e *O Rapaz do Pijama às Riscas*.



*Para as crianças que perderam a esperança*

**Em breve**, espero, o mundo será um lugar seguro e feliz.

Mas esta manhã ainda não o é.

Ali, por exemplo. No telhado do prédio à nossa frente.

Dois deles. Ou serão três? Não consigo ver bem, porque temos as janelas tapadas com sacos, mas ouço-lhes as vozes.

Tento manter o tom de voz o mais baixo que posso.

— Gabriek — sussurro com urgência. — Acorda!

O Gabriek resmunga e continua a dormir.

Quem me dera não ter de perturbá-lo. Quando ele ouvir o que eu estou a ouvir, as válvulas do seu pobre coração de meia-idade poderão não aguentar até ao pequeno-almoço.

Já as válvulas do meu coração estão a bombear como motores de um caça nazi a mergulhar no céu.

Sabem quando uma guerra acaba e damos um grande suspiro de alívio, porque sobrevivemos e as coisas vão tornar-se melhores e começamos a tentar viver uma vida normal, mas as coisas não estão nada melhores, porque a cidade está destruída e as pessoas têm fome e, então, por isso, escondemo-nos num segundo andar e rezamos para que nenhum intruso descubra o nosso esconderijo e queira ficar com ele e nos mate

por causa disso, mas agora parece que é isso mesmo que vai acontecer?

É o que nos está a acontecer a mim e ao Gabriek.

Deslizo para fora da cama, agacho-me e tento espreitar pela janela. Levanto um pouco o saco que faz de cortina e limpo os óculos e espreito pelo vidro partido, para o telhado do prédio em frente.

A luz da madrugada é fraca, mas consigo vê-las.

Três pessoas.

Ainda não nos viram. Não estão a apontar nem a conspirar. Mas podiam começar a qualquer momento. Se virem as nossas couves e a nossa salsa, não vão conseguir controlar-se.

Foi exatamente isto que dissemos, eu e o Gabriek, quando encontrámos este sítio. Era perfeito, exceto por uma coisa. O telhado do prédio em frente. O único lugar de onde podem ver-nos. Mas o prédio inteiro está tão destruído que achamos que ninguém ia conseguir chegar lá acima.

Este grupo conseguiu.

Devem estar desesperados.

Eu sei como se sentem. Eu e o Gabriek temos de nos despachar para nos podermos salvar.

Rastejo de novo até à cama do Gabriek.

— Gabriek — digo mais alto. — Acorda.

Enquanto o sacudo, olho em volta para o esconderijo, a tentar decidir o que é que podemos levar connosco.

As hortas que plantámos nos barris de óleo são demasiado pesadas. A lenha ainda são mobílias que não vamos ter tempo de desfazer. A couve em vinagrete? O material do Gabriek para fazer vodca? A minha biblioteca médica? Felizmente só tenho dois livros.

O Gabriek senta-se.

— O que é que se passa? — resmunga baixinho.

Tem o sono pesado. Costuma acontecer às pessoas que bebem muito álcool.

— No telhado do prédio em frente — digo. — Três adultos.

Apresso-me a voltar à janela para ver se eles vêm nesta direção.

É estranho. Há algo nestas pessoas que não bate certo. É a sua postura. Não parecem ladrões violentos e implacáveis. Parecem assustadas. Como os fugitivos.

Depois vejo outra coisa.

Esgueirando-se por trás daquelas pessoas, agachando-se para lá dos destroços do telhado e das chaminés destruídas, estão vários homens.

Com armas.

As pessoas ainda não viram os homens.

De repente, já sei quem são aquelas pessoas. E os homens. Bato na janela e grito.

— Cuidado!

Só grito uma vez e não consigo abrir a janela para as avisar, porque o Gabriek, que já não está sonolento, se atira para cima de mim e ficamos ambos estendidos no chão.

— Felix — murmura ele. — Estás doido?

Gritar aqui neste lugar é uma grave quebra de segurança.

— Desculpa — digo.

Mas em parte não estou arrependido. A guerra acabou. Devíamos viver um tempo de paz. E as pessoas não deviam ser mortas em tempo de paz.

Tarde demais.

Ecoam tiros através dos edificios destruídos e abandonados.

Volto a ajoelhar-me e vejo os homens armados a atirarem os corpos para a rua, lá em baixo.

Oh.

O Gabriek volta a arrastar-me para o chão.

— Quantas vezes tenho de dizer-te? — rosna. — Uma regra simples. Mantém-te em silêncio e fora de vista.

O Gabriek gosta de regras simples. Na maioria das vezes, obedeço-lhe porque ele é um amigo dedicado e generoso e já tem 42 anos e eu só tenho 13 e ele sabe melhor como nos proteger.

Mas eu também sei coisas.

Sei exatamente quem são aqueles bandidos assassinos. Nem preciso de ver os crachás que têm nos casacos.

*A Polónia para os Polacos*, dizem os crachás.

— Aqueles bandidos egoístas não estão interessados em nós — digo ao Gabriek. — Só andam atrás de pessoas que não são polacas.

O Gabriek faz-me um olhar.

— Aqui estamos quentes — diz ele —, e estamos secos e temos comida. Toda a gente está interessada nisso. É por isso que não queremos que ninguém descubra este sítio, especialmente se forem bestas assassinas.

O Gabriek tem razão. Mas não deixo de desejar ter conseguido ajudar aquelas pobres pessoas que estão agora mortas na rua. Perseguidas só porque estavam no país errado quando a guerra acabou.

— Alguém devia dizer a esses infeciosos nojentos que a guerra acabou — murmuro. — Dizer-lhes que parem de matar e tentem partilhar um bocadinho.

— Ouve-me lá — diz o Gabriek com a boca muito próxima da minha orelha. E do meu nariz também, coisa que não devia fazer alguém que bebe muita vodca de couve.

— Estou a ouvir — respondo, desviando-me um bocadinho.

— Queres mudar o mundo — diz ele. — Isso é próprio da tua idade. Mas só os sonhadores é que tentam mudar as coisas quando o mundo está neste estado. As pessoas com juízo sabem que o melhor que podemos fazer é cuidar de nós próprios.

Não discuto.

Sei a sorte que temos, por termos sobrevivido até agora. E a sorte que tenho por contar com a proteção do Gabriek.

— Como é que descobres uma pessoa com juízo? — pergunta o Gabriek.

Suspiro. O Gabriek pergunta-me isto pelo menos uma vez por dia.

— São as que estão vivas — responde ele próprio. — As pessoas com juízo mantêm-se vivas porque não se envolvem nos assuntos das outras pessoas nem correm riscos.

Mantenho-me calado. Em parte porque é o que fazem as pessoas com juízo quando estão deitadas num chão que tem sempre cocó de rato, não importa quantas vezes o varras. Mas principalmente porque o Gabriek não queria ouvir aquilo em que estou a pensar.

Estou a pensar em todas as pessoas que se envolveram nos meus assuntos.

E que correram riscos por mim.

O Barney e a Genia e a Zelda e os outros.

Sim, o Gabriek tem razão. Elas não estão aqui. Não podiam estar. Estão mortas.

Mas eu estou aqui por causa delas, e a melhor forma que tenho de lhes agradecer é ser como elas.





**Em breve**, espero, as pessoas não terão de se esgueirar às escondidas para sair das suas casas de manhã, como eu estou a fazer agora.

Tensas.

Ansiosas.

Com medo de serem vistas.

Espreito para a rua e olho para os dois lados, como o Gabriek me ensinou.

Boa. Não chove. Não há muita gente. Não há ninguém a ser alvejado.

Ainda.

Antes de avançar, ponho-me atentamente à escuta, tentando ouvir o Gabriek a ressonar dois andares mais acima. Não consigo, mas sei que ele está. Isso também é bom. Os meus ouvidos foram treinados pela Resistência, por isso, se eu não consigo ouvi-lo, mais ninguém consegue.

Apresso-me através dos destroços, capuz na cabeça, olhos no chão, não parando até chegar a um beco.

Gosto de becos. São estreitos e secretos e encontramos lá coisas interessantes. Cheiram um pouco mal, porque há corpos

de mortos da guerra debaixo dos destroços, mas podemos chegar a qualquer ponto da cidade andando só pelos becos, desde que não estejam bloqueados por prédios destruídos ou por aviões caídos.

E, sobretudo, podemos fazê-lo sem sermos vistos. Se for possível, o melhor é andarmos sem que ninguém nos veja. É mais seguro e torna mais difícil alguém matar-nos.

Mas às vezes ainda tentam.

O Gabriel tentaria, sem dúvida, matar-me se soubesse onde vou.

— Desculpe — digo à velhota. — Posso ajudá-la?

A mulher está sentada na beira do passeio, dobrada e a soluçar. A multidão que se move à nossa volta pela praça ignora-a. Um dos dedos da mulher pende-lhe da mão numa posição que parece medicamente muito dolorosa.

Aquela praça da cidade é uma zona de guerra. É sempre assim quando há uma entrega de comida.

Pensaríamos que organizações de solidariedade e ajuda com experiência internacional já soubessem por esta altura que, quando entregam alimentos, milhares de pessoas famintas vão lutar e agredir-se para os conseguir.

A velhota lança-me um olhar suspeito através das lágrimas.

Percebo porquê. Debaixo do casaco, apertado com força na sua outra mão, está um pão.

— Está tudo bem — digo-lhe, agachando-me e tocando-lhe carinhosamente no braço. — Sou médico.

Isto não é bem verdade. Ainda vou demorar alguns anos até ser médico.

Mas tenho de o dizer. As pessoas normais não podem andar por aí simplesmente a praticar atos médicos.

Tiro um pequeno pedaço de madeira do meu saco de médico, que mantenho escondido dentro do casaco. Na verdade, é um velho saco de farinha, mas é o que se arranja para já.

Ajoelho-me em frente da velhota e ponho-lhe a madeira entre os dentes.

— Morda isto — digo-lhe. — Foi fervido.

Respiro fundo para ganhar firmeza nas mãos. Só fiz este tratamento uma vez, e nessa altura tive ajuda. Havia dois resistentes a segurar no paciente.

Dou um esticão no dedo da senhora e recoloco-o no sítio.

Ela grita. O pedaço de madeira voa-lhe da boca e bate-me na cabeça.

— Desculpe — digo.

Ela está agarrada ao dedo e geme.

— Deixe-me pôr-lhe uma tala. Com a tala, já não vai doer tanto.

A velhota dá-me um pontapé no meio das pernas. A dor desequilibra-me e bato com a cabeça nas pedras do chão.

O Gabriel provavelmente diria «eu avisei-te». Mas não me importo. Quando andas a aprender sozinho para seres médico, precisas de toda a prática que pudes ter.

— Então, então — diz uma voz. — Seja uma boa paciente. O doutor só está a tentar ajudá-la.

Olho para cima. Tenho lágrimas nos olhos, que me impedem de ver claramente. Pisco algumas vezes para ver melhor.

Uma rapariga. É um pouco mais velha do que eu e veste um casaco cor-de-rosa gasto. Está a encostar uma coisa preta à cabeça da velhota.

Pisco outra vez.

É uma arma.

A velhota está paralisada de medo.

— Ela já está preparada para pôr a tala — diz a rapariga.

Tenho as mãos a tremer quando tiro dois bocados de madeira e uma gaze do meu saco de médico. Aplico as lascas de madeira em cada um dos lados do dedo da velhota e aperto-as bem com a gaze.

A velhota porta-se muito bem. Não dá um gemido. Acho que deve estar em choque.

— Tudo em ordem — diz a rapariga, baixando a arma. — Exceto o pagamento.

Estende o braço para o casaco da velhota e tira-lhe o pão. A mulher não diz nada nem tenta impedi-la. Só olha fixamente para a arma. Eu também não digo nada nem tento impedi-la. Também estou a olhar para a arma.

Agora está a apontar para mim.

— Isto não é um conto de fadas — diz ela.

— Como?... — pergunto.

— Há muito, muito tempo, as pessoas eram boas e generosas. O dia inteiro. Mas as coisas mudaram.

Eu continuava sem perceber.

— Estamos em 1945 — explica. — Se continuas assim, a fazer o bem de graça, estás a tirar o pão da boca de outras pessoas. Continua a fazê-lo, doutor, e o teu conto de fadas vai ter um fim medicamente muito triste.

Dá-me uns toques na cabeça com a ponta da arma.

— Percebeste?

Aceno. Ela diz que o facto de eu ajudar pessoas com problemas de saúde está a impedir outras pessoas de ganharem a sua vida.

Mas quem? Fabricantes de talas? Cangalheiros? Pessoas que amputam dedos por dinheiro?

Ela?

Não perguntei.

A rapariga guarda a arma no bolso do casaco e desaparece na multidão, com o pão debaixo do braço.

Eu e a velhota olhamos um para o outro.

— Desculpe — digo.

A senhora deita-me um olhar zangado e vai-se embora. Parece ter pena de não me ter acertado com mais força.

Acho que não fui um bom médico, ainda agora. Um dos meus livros médicos diz que um médico deve fazer o paciente sentir-se calmo e seguro. Acho que aquela paciente não se sentia calma e segura, mesmo antes de a rapariga ter chegado.

Volto-me para me ir embora.

A multidão da praça está a diminuir. As pessoas que têm comida vão desaparecendo. As pessoas que não têm comida tentam impedi-las. O que não funciona, porque, em regra, as pessoas que têm comida são maiores e mais fortes.

E é assim que o mundo está hoje em dia.

Penso na Zelda. Se ela não tivesse morrido, há três anos, seria como aquela rapariga? Dura e violenta e gananciosa?

Acho que não.

A Zelda só tinha 6 anos, mas haviam de ter conhecido o seu grande coração. Sei o que ela teria dito.

*Aquela miúda não é a dona da praça. Os pombos é que são. Ela não sabe nada?*

Pensar na Zelda faz-me sorrir. Embora quase todos os pombos já tenham sido comidos.

De repente, o mundo já não parece tão mau.

Mas só por um momento.

— Ei, tu!

Olho para cima.

Um homem grita-me enquanto caminha na minha direção.

Dou um passo atrás.

Ele é enorme e parece muito zangado.

Antes que eu consiga fugir, ele agarra-me pelo pescoço e levanta-me do chão.

Por um instante, penso que ele é um familiar da velhota e que vem queixar-se do nível do tratamento médico que lhe dispensei.

Depois vejo um homem mais velho ao lado dele e vejo a fechadura que ele tem na mão, e sei que afinal o caso é muito mais sério.

**Em breve**, espero, o homem há de pôr-me no chão.

Mas, mesmo assim, vou continuar em sarilhos.

Ele é muito grande e está furioso. O homem mais velho que está com ele e tem a fechadura na mão é mais pequeno, mas tem um olhar igualmente ameaçador.

As pessoas que atravessam a praça não vão salvar-me. Nem sequer olham para mim. As pessoas por aqui olham sempre para o chão, para não se meterem em sarilhos e para não tropeçarem em pedaços de prédios e em bombas por explodir.

— Onde está o teu pai? — grita-me o homem grande. — O ladrão e aldrabão do teu pai?

Ele não está a falar do meu pai verdadeiro, que já morreu e que nunca aldrabou ninguém. Está a falar do Gabriek, que também nunca aldrabou ninguém.

Começo a ficar tonto. A mão enorme do homem continua a apertar-me o pescoço e eu não consigo dizer uma palavra. Nem sequer respirar.

Olho com aflição para as pessoas que vão passando.

— Onde está ele? — volta a gritar o homem.

Mesmo que eu conseguisse dizer alguma coisa, não lhe diria nada. O Gabriek mete-se na cama todas as manhãs até lhe passar a dor de cabeça, por causa da vodca de couve. Isto faz pensar que ele não é de confiança, mas não é verdade.

— Põe o miúdo no chão, Dimmi — diz o homem mais velho. — Se lhe partires o pescoço, não vamos conseguir arranjar a fechadura.

— Pai — responde o Dimmi. — Eu trato disto.

O homem mais velho olha para ele com ar severo.

O Dimmi olha fixamente para mim, como se partir-me o pescoço até fosse tentador. Mas depois põe-me no chão.

Tusso e tento respirar fundo.

Tenho a cabeça tonta e é-me difícil pensar como deve ser. Mas sei que a fechadura grande que o pai do Dimmi tem na mão é uma das nossas. Bem, eu é que a encontrei e o Gabriek consertou-a, por isso é nossa.

— Pagámos um bom naco de porco — diz o Dimmi. — Um bom naco de porco por uma fechadura boa. Fechadura boa, ná! E cospe-me nas botas.

— A fechadura é boa — digo-lhe. — É de um castelo.

Não tenho a certeza de que seja mesmo verdade. Eu tirei-a da porta de uma fábrica de picles. Mas é tão grande que pode ter vindo originalmente de um castelo.

— Olha para ela — diz o Dimmi. — Com dois dias, estragada.

Os olhos dele são como duas brasas furiosas profundamente cravadas naquela cabeça enorme. Ardem tão intensamente que até admira que a barba não pegue fogo de repente.

Agarra-me o queixo com uma mão que tem mais carne do que eu alguma vez vi à mesa de uma refeição desde os meus 4 anos.



Penso numa coisa em que nenhum médico devia pensar. Corre o boato de que na Silésia as pessoas andam a comer-se umas às outras. O Dimmi não durava uma semana por lá.

— Deixe-me levá-la para ver o que se passa — digo, estendendo a mão para a fechadura. — Todo o nosso trabalho tem garantia.

E isto é mesmo verdade. O Gabriek faz questão disso. O que até é bastante generoso, tendo em conta que o trabalho dele é consertar coisas que foram bombardeadas.

O pai do Dimmi entrega-me a fechadura e a chave que fizemos para ela.

— Deixa o miúdo ir — diz ele ao Dimmi. — Tem garantia. E quanto mais depressa a tivermos arranjada, melhor.

O Dimmi solta um grande suspiro zangado e põe a cara mesmo encostada à minha.

— Aqui tens a minha garantia — diz ele. — Se esta fechadura não estiver arranjada até amanhã, mato-te a ti e ao teu pai.

O Dimmi não sabe onde nós vivemos, mas sabe que não podemos deixar de vir à rua para sempre.

Nos bons velhos tempos, quando eu era pequeno, ninguém mataria duas pessoas por causa de uma fechadura. Mas a rapariga mandona de há bocado tem razão. Os tempos mudaram.

Só espero que um dia voltem a mudar. E, quando isso acontecer, quero que eu e o Gabriek ainda estejamos por cá.

Portanto, espero que esta fechadura tenha arranjo.

Gabriek, por favor, não bebas muito esta manhã.

Não gosto de voltar para casa assim, com a luz do dia.

Depois de escurecer é melhor. As pessoas não conseguem ver para onde estamos a ir. E se estivermos a ser seguidos, é mais fácil despistar as pessoas no escuro.

Mas isto é uma emergência.

Com um pouco de sorte, chego a casa antes de o Gabriek tomar o seu pequeno-almoço de vodca. Para poder consertar a fechadura. E para nos livrarmos do Dimmi.

Este espalhafato todo por causa de uma simples fechadura.

Porque é que o Dimmi e o pai dele não podiam ter simplesmente dito para si próprios «pobre Gabriek, quando estava a arranjar esta fechadura, estava provavelmente triste e com saudades da mulher que morreu e provavelmente bebeu demasiada vodca e não reparou numa pequena falha causada por uma bomba qualquer». Arranja-se facilmente. Não havia necessidade de armar confusão com ameaças de violência e apertões de pescoço.

Mas não.

E é mesmo assim que as coisas são por estes dias. A amabilidade e as boas maneiras das pessoas estão tão destruídas como estas ruas.

Que barulho é este?

Tiros.

É exatamente disto que eu falo. Aposto que os tiros são de pessoas que perderam a cabeça por causa de uma coisa estúpida. Um pedaço de sujidade de alguém a cair dentro da sopa de outro alguém, ou algo assim.

Esperem aí, afinal parece que não é isso.

Estas pessoas que estão a sair a correr de um prédio parecem bem mais preocupadas e não deve ser com sujidade na sua sopa de nabo.

Oh.

Aquele rapazinho caiu. E não se mexe.

As pessoas que fogem a correr estão a deixá-lo para trás.

Olho em redor. Não vejo quem está a disparar. Devem estar a esgueirar-se através das ruínas para irem apanhar os fugitivos por outro lado. É um truque que os bandidos da *Polónia para os Polacos* usam muito.

Corro até ao rapazinho.

Ficou deitado no que parece ser uma casa de banho bombardeada que caiu em cima do que devia ser uma cozinha. Está quase tão branco como os pedaços de azulejos e de lavatórios.

— Dói — diz ele numa vozinha assustada.

Está a sangrar muito.

Ao longe, mais tiros.

Limpo rapidamente os óculos para ver melhor o que estou a fazer. Procuro através da roupa dele o sítio de onde vem o sangue. Há tanto que quase parece que vem de todo o lado. Mas isso não é possível, porque ele ainda tem o casaco inteiro.

Deve ter mais ou menos 7 anos. O pulso está muito fraco.

Encontro a ferida feita pela bala. É na coxa.

Quem me dera que o Gabriek aqui estivesse. Sobretudo para poder ajudar-me a fazer um «limpo e quente». Estas veias e artérias abertas precisam de ser fechadas com uma lâmina quente.

Quem me dera também que o Gabriek pudesse ver isto. Um rapazinho a morrer com uma hemorragia na cozinha de alguém.

Será que ainda me diria que não me envolvesse?

A bala entrou e saiu, e há por isso duas feridas, e tenho de parar a hemorragia rapidamente, e não tenho tempo para fazer eu próprio um fogo.

*Pensa naquilo que podes fazer, diz-me sempre o Gabriek, e não naquilo que não podes.*

Tiro uma gaze, o desinfetante e o bisturi do meu saco de médico. Corto as calças do miúdo e afasto o tecido das feridas.

Ele não se mexe nem faz barulho. Acho que ficou inconsciente.

Corto mais as calças até ter uma faixa longa e ato-a à volta da perna, por cima das feridas da bala. Aperto-a o mais que consigo. Depois deito desinfetante sobre as feridas.

O rapazinho não abre os olhos nem grita. O que não é nada bom. O desinfetante é vodca de couve, que arde muito.

Ato a gaze à volta das feridas o mais apertada que consigo.

O sangue passa à mesma.

Já só tenho mais uma gaze. Corto outra tira das calças do miúdo, ato-a por cima das feridas, e depois ato a última gaze por cima da faixa.

O sangue continua a sair.

— Desculpa — digo-lhe.

Sai-me quase como um soluço, que não é a forma como os médicos devem falar. Mas não consigo evitá-lo. O rapazinho continua sem abrir os olhos.

— Não te martirizes — diz uma voz rude.

Olho para cima.

Um homem está junto a mim, de pé. Está coberto de cintos de munições e tem uma metralhadora na mão.

Há outros dois homens armados por trás dele.

Todos têm crachás da *Polónia para os Polacos* nos casacos.

— Está na hora de ires andando — diz o primeiro homem.

— O próximo paciente está à tua espera.

Agarra-me com uma mão e puxa-me.

— Não — grito, tentando voltar para junto do rapazinho. — Ainda não acabei.

O homem puxa-me para mais longe.

— Deste o teu melhor — diz ele. — É tudo o que alguém pode fazer. E é mais do que um *Fritz* merece.

Dispara contra o rapazinho.

Grito e atiro-me ao homem, tento arrancar-lhe os olhos, o nariz, qualquer coisa.

Os outros dois homens agarram-me, batem-me e põem-me um saco na cabeça. Sou atirado para o que parece ser o ombro de alguém e atam-me os tornozelos com tanta força que já só consigo pensar na dor.

O que é um alívio.

É a parte boa da dor.

Ajuda-nos quando já não suportamos pensar noutras coisas.



Livros que te surpreendem pela história,  
que te atraem pela imagem,  
que te conquistam pela mensagem,  
que se distinguem como estrelas brilhantes.

## LIVROS QUE FICAM PARA SEMPRE CONTIGO



«Em breve, espero, o mundo será um lugar seguro e feliz.  
Mas esta manhã ainda não o é.»

Estamos na Polónia, em 1945, e Felix, um rapaz judeu de 13 anos, vive escondido com Gabriek, de 42 anos, o seu único amigo. Este vai conseguindo comida consertando todo o tipo de coisas que lhe pedem. Felix ajuda-o e socorre quem pode com os seus conhecimentos de medicina.

A guerra terminou, mas por todo o lado há um clima de violência, desespero e desconfiança. As casas estão destruídas, os serviços básicos quase não funcionam, as pessoas têm fome e é difícil saber em quem confiar.

Numa das suas saídas do esconderijo, Felix conhece Anya, uma rapariga misteriosa de quem acaba por se tornar amigo. Noutra saída entregam-lhe um bebé órfão que ele não consegue abandonar e que leva para casa. Até que, por fim, a sua vida se cruza com a de outra pessoa: o enigmático doutor Lipzyk. Este encontro vai marcar as suas vidas para sempre.

**Mesmo num período de violência e caos,  
como é sempre um pós-guerra, Felix continua a ter esperança,  
coragem e bondade. Ele tudo fará para fazer a sua parte  
na reconstrução de um mundo melhor.**



imagina descobre voa

20|20 editora

ISBN 978-989-668-852-3

13+



9 789896 688523

Literatura Juvenil